

## **A Maldição de Sarnath – H. P. Lovecraft**

**E**xiste na terra de Mnar um vasto lago de águas paradas que não é engrossado por nenhuma corrente e do qual nenhuma corrente flui. Há dez mil anos, erguia-se a sua margem a poderosa cidade de Sarnath, mas Sarnath já ali não se encontra.

Conta-se que em tempos imemoriais, quando o mundo era jovem, antes mesmo de os homens de Sarnath chegarem à terra de Mnar, havia outra cidade às margens do lago, a cidade de pedra cinzenta de Ib, tão antiga quanto o próprio lago e habitada por criaturas de aspecto desagradável. Eram estranhas e feias, como aliás a maioria das criaturas de um mundo ainda incipiente e toscamente organizado. Está escrito nos cilindros cor de tijolo de Kadatheron que as criaturas de Ib eram da cor verde do lago e das brumas que sobre ele pairam; que tinham olhos saltados, lábios moles caídos e curiosas orelhas, e não eram dotadas de voz. Está escrito também que desceram da lua dentro de uma neblina: elas, e o vasto lago parado, e a cidade de pedra cinzenta de Ib. Seja como for, o certo é que adoravam um ídolo de pedra verde-mar cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto aquático, diante do qual dançavam grotescamente ao clarão da lua crescente. E está escrito no papiro de Ilarneq que elas descobriram, certa vez, o fogo, e dali em diante acenderam fogueiras em muitas ocasiões cerimoniais. Mas não há muita coisa escrita sobre essas criaturas, porque elas viviam em tempos muito ancestrais e o homem é jovem e pouco sabe dos seres muito antigos.

Depois de tempos imemoriais, os homens chegaram à terra de Mnar; uma escura gente pastoril com seus rebanhos felpudos que construiu Thraa, Ilarneq e Kadatheron às margens do sinuoso rio Ai. E certas tribos, mais ousadas que as outras, alcançaram a orla do lago e construíram Sarnath, num lugar onde metais preciosos eram encontrados na terra. Não longe da cidade cinzenta de Ib, as tribos errantes assentaram as primeiras pedras de Sarnath, maravilhando-se com as criaturas de Ib. Mas havia ódio misturado com sua admiração, pois não achavam certo que criaturas com tal aspecto pudessem circular pelo mundo dos homens ao crepúsculo. Também não gostavam das estranhas esculturas sobre os monolitos cinzentos de Ib, pois ninguém saberia dizer por que aquelas esculturas haviam durado tanto tempo, até a chegada dos homens; a menos que fosse porque a terra de Mnar era muito pacífica e distante da maioria dos outros mundos, tanto da vigília como do sonho.

Quanto mais os homens de Sarnath viam as criaturas de Ib, mais aumentava seu ódio, e este não diminuiu quando perceberam que as criaturas eram fracas e moles como geléia ao contato de pedras e flechas. Assim, certo dia, os jovens guerreiros, os fundeiros, os lanceiros e arqueiros marcharam contra Ib e mataram todos os seus habitantes, empurrando os hediondos

corpos para o lago com longos chuços, porque não desejavam tocá-los. E como não gostassem dos cinzelados monolitos cinzentos de Ib, atiraram-nos também ao lago, cismando, diante da grandeza do trabalho que teria sido trazer as pedras de muito longe, como isto devia ter acontecido, pois não havia nada que se lhes assemelhasse na terra de Mnar ou nas terras adjacentes.

Assim, nada foi poupado da antiquíssima cidade de Ib, exceto o ídolo de pedra verde-mar cinzelado à imagem de Bokrug, o lagarto aquático. Este, os jovens guerreiros levaram consigo como símbolo de conquista sobre os velhos deuses e criaturas de Ib, e como um signo de dominação em Mnar. Mas na noite seguinte à que ele foi colocado num templo, uma coisa terrível deve ter acontecido, pois luzes fantásticas foram vistas sobre o lago e, pela manhã, as pessoas descobriram que o ídolo havia sumido e o sumo sacerdote Taran-Ish estava morto, aparentando ter experimentado um pavor indescritível. Antes de morrer, Taran-Ish havia riscado sobre o altar de crisólita, com traços rudes e tremidos, o signo da MALDIÇÃO.

Depois de Taran-Ish houve muitos sumos pontífices em Sarnath, mas o ídolo de pedra verde-mar jamais foi encontrado. E muitos séculos vieram e passaram, ao longo dos quais Sarnath prosperou extraordinariamente, e somente os sacerdotes e as mulheres velhas recordavam o que Taran-Ish rabiscara sobre o altar de crisólita. Entre Sarnath e a cidade de Ilarneq instalou-se uma rota de caravana, e os metais preciosos da região eram trocados por outros metais, trajes raros, jóias, livros, ferramentas para os artífices e todas as coisas de luxo conhecidas pelo povo que mora às margens do sinuoso rio Ai e além dele. Foi assim que Sarnath tornou-se poderosa, instruída e bela, e enviou exércitos de conquista para dominar cidades vizinhas. Com o tempo, prostraram-se diante do trono de Sarnath, os reis de todas as terras de Mnar e de muitas terras adjacentes.

Sarnath, a magnífica, era a maravilha do mundo e o orgulho de toda a humanidade. De mármore polido do deserto eram suas muralhas, com trezentos cúbitos de altura e setenta e cinco de largura, permitindo que os carros de combate cruzassem uns com os outros quando os homens os conduziam ao longo de sua crista. Elas percorriam quinhentos estádios, abrindo-se somente na face virada para o lago, onde um quebra-mar de pedra verde continha as ondas que estranhamente se erguiam, uma vez por ano, no dia da celebração da destruição de Ib. Em Sarnath havia cinquenta ruas que iam do lago aos portões das caravanas, e outras cinquenta transversais a elas. Eram calçadas de ônix, exceto as percorridas por cavalos, camelos e elefantes, que eram cobertas de granito. E os portões de Sarnath eram tantos quanto as extremidades das ruas voltadas para a terra, todos de bronze e flanqueados por figuras de leões e elefantes escavadas em algum tipo de pedra já então desconhecida entre os homens. As casas de Sarnath eram de tijolos esmaltados e calcedônia, cada uma com seu jardim murado e seu tanque de cristal. Estranha era a arte com que foram construídas, pois nenhuma outra cidade possuía casas assim, e os visitantes de Thraa, Ilarneq e Kadatheron se maravilhavam com as cúpulas cintilantes que as coroavam.

Ainda mais fabulosos eram os palácios, e os templos, e os jardins construídos por Zokkar, o antigo rei. Havia muitos palácios, os menores deles mais imponentes do que qualquer outro de Thraa, Ilarneq ou Kadatheron. Eram tão altos que alguém que estivesse em seu interior poderia, às vezes,

imaginar-se estar abaixo apenas do céu. Quando eram iluminados por archotes embebidos em óleo de Dother, porém, suas paredes exibiam imensas pinturas de reis e exércitos, assombrando e inspirando instantaneamente o visitante com seu esplendor. Muitas eram as colunas dos palácios, todas de mármore colorido, entalhadas com ornamentos de insuperável beleza. Na maioria dos palácios, os pisos eram mosaicos de berilo, e lápis-lazúli, e sardônica, e carbúnculo, e outros materiais nobres de tal forma organizados que o espectador podia se imaginar caminhando sobre canteiros das mais raras flores. E havia também fontes que esguichavam águas aromáticas em graciosos jarros desenhados com artística maestria. Mais radiante de todos era o palácio dos reis de Mnar e das terras adjacentes. Sobre um par de leões de ouro agachados se assentava o trono, muitos degraus acima do piso resplendente. Era entalhado numa única peça de marfim, embora nenhuma criatura viva soubesse de onde uma peça tão imensa poderia ter vindo. Naquele palácio havia também muitas galerias e muitos anfiteatros onde leões, homens e elefantes combatiam para a diversão dos reis. Ocasionalmente, os anfiteatros eram inundados com água trazida do lago por imponentes aquedutos e ali se encenavam então empolgantes combates aquáticos entre nadadores e pavorosas criaturas marinhas.

Imponentes e assombrosos eram os dezessete templos em forma de torre de Sarnath, decorados com uma brilhante pedra multicolor desconhecida em outros lugares. O maior deles se erguia a mil cúbitos de altura e era habitado pelos sumos pontífices que viviam com magnificência não muito inferior à dos reis. No térreo ficavam salões tão vastos e esplêndidos como os salões dos palácios onde as multidões se congregavam para adorar a Zo-Kalar, Tamash e a Lobon, os principais deuses de Sarnath, cujos relicários, envoltos em incenso, eram como os tronos dos monarcas. Não eram como os ícones de outros deuses, os de Zo-Kalar, Tamash e Lobon, pois pareciam tão vivos que se poderia jurar que os próprios graciosos deuses barbados estavam sentados nos tronos de marfim. E no alto de intermináveis degraus de zircão ficava a câmara da torre de onde os sumo pontífices vigiavam a cidade, as planícies e o lago durante o dia; e a enigmática lua, os planetas e estrelas significativos e seus reflexos no lago, à noite. Ali era praticado o secretíssimo e ancestral rito de execração de Bokrug, o lagarto aquático, e ali repousava o altar de crisólita que exibia o signo da Maldição rabiscado por Taran-Ish. Igualmente maravilhosos eram os jardins construídos por Zokkar, o velho rei. Eles ficavam no centro de Sarnath, numa extensa área e cercados por alto muro. Eram cobertos por uma imensa cúpula de vidro através da qual brilhavam, quando o céu estava límpido, o sol, a lua e os planetas, e da qual pendiam imagens refulgentes do sol, da lua e das estrelas quando não estava. No verão, os jardins eram refrescados por amenas brisas aromáticas habilmente sopradas por ventiladores, e no inverno eram aquecidos por fogueiras ocultas, de modo que, naqueles jardins, reinava eterna a primavera. Ali corriam pequenos riachos sobre pedregulhos lustrosos, dividindo campinas verdejantes e jardins de infinitos matizes, e cruzados por uma multidão de pontes. Muitas cascatas haviam em seus cursos, e muitas eram as lagoas ornadas de lírios em que se alargavam. Sobre os riachos e lagoas deslizavam cisnes brancos, enquanto o canto de aves raras harmonizava-se com a melodia das águas. Em ordenados terraços erguiam-se as verdejantes margens adornadas, aqui e ali, por

caramanchões de trepadeiras e flores suaves, e bancos de mármore e pórfiro. E havia ali muitos santuários e templos pequenos onde se podia repousar e orar a deuses menores.

Todos os anos, celebrava-se em Sarnath a festa da destruição de Ib, em cuja ocasião abundavam o vinho, as canções, as danças e diversões de todos os tipos. Grandes homenagens eram prestadas aos que haviam aniquilado as estranhas criaturas antigas, e a memória daquelas criaturas e de seus antigos deuses era escarnecida por dançarmos e alaudistas coroados com grinaldas de rosas dos jardins de Zokkar. E os reis olhavam na direção do lago e amaldiçoavam os OSSOS dos mortos que jaziam em suas profundezas.

De início, os sumos pontífices não gostavam desses festivais, pois corriam entre eles narrativas fantásticas de como o ídolo verde-mar havia desaparecido e Taran-Ish morrera de medo deixando urna advertência. E diziam que de sua alta torre ocasionalmente avistavam luzes no interior das águas do lago. Mas depois de muitos anos se passarem sem calamidades, mesmo os sacerdotes riam, e maldiziam, e participavam das orgias dos foliões. Então eles próprios não haviam realizado, tantas vezes, em sua alta torre, o antiquíssimo e secreto rito de execração de Bokrug, o lagarto aquático? E um milhar de anos de riquezas e prazeres transcorreu em Sarnath, maravilha do mundo.

A festa do milésimo ano da destruição de Ib foi de uma suntuosidade inimaginável. Durante a década que a precedeu, muito se falou sobre ela na terra de Mnar, e quando seu momento se aproximou, vieram a Sarnath, montados em cavalos, camelos e elefantes, homens de Thraa, Ilarnek e Kadatheron, e de todas as cidades de Mnar e de terras distantes. Diante das muralhas de mármore, na noite aprazada, erguiam-se os pavilhões de príncipes e as tendas de viajantes. No interior de seu salão de banquete reclinava-se Nargis-Hei, o rei, embriagado de envelhecido vinho das adegas da conquistada Pnoth, rodeado por nobres foliões e escravos atarefados. Muitas guloseimas exóticas foram consumidas naquele festim; pavões das longínquas colinas de Implan, corcovas de camelos do deserto de Bnazic, nozes e especiarias dos bosques de Sydathrian, e pérolas da marítima Mtal dissolvidas no vinagre de Thraa. Eram incontáveis os molhos, preparados pelos mais refinados cozinheiros de toda Mnar, agradáveis ao paladar de todos os convivas. Mas a mais apreciada de todas as iguanas eram os grandes peixes do lago, enormes, servidos em travessas de ouro enfeitadas de rubis e diamantes.

Enquanto o rei e seus nobres festejavam dentro do palácio e olhavam o prato principal que os esperava nas travessas douradas, outros festejavam por toda parte. Na torre do grande templo, os sacerdotes realizavam festins, e nos pavilhões do lado de fora das muralhas, os príncipes de terras vizinhas se divertiam. Foi o sumo pontífice Gnai-Kah o primeiro a avistar as sombras que desciam da lua crescente para o lago, e as perversas névoas verdes que se erguiam do lago de encontro à lua, para envolver, num sinistro nevoeiro, as torres e cúpulas da condenada Sarnath. Em seguida, os que estavam nas torres e fora das muralhas avistaram estranhas luzes sobre a água, e viram que a rocha cinzenta Akurion, que costumava se altear muito acima dela, perto da praia, estava quase submersa. E o medo foi crescendo vaga, mas rapidamente, até que os príncipes de Ilarnek e da distante Rokol desarmaram

e dobraram suas tendas e pavilhões e partiram, embora mal soubessem o motivo de sua partida.

Então, perto da meia-noite, todos os portões de bronze de Sarnath se escancararam e despejaram uma multidão frenética que enegreceu a planície, pois todos os viajantes e príncipes visitantes fugiram espavoridos. Pois nas faces dessa multidão estava inscrita uma loucura nascida de um horror insuportável, e em suas línguas surgiam palavras tão terríveis que nenhum ouvinte parava para verificar. Homens com os olhos arregalados de pavor uivavam sobre a visão do interior do salão de banquete do rei, onde, através das janelas, não eram mais vistas as formas de Nargis-Hei e seus nobres e escravos, mas sim a de uma horda de indescritíveis criaturas verdes sem voz, de olhos saltados, lábios moles caídos e curiosas orelhas; criaturas que dançavam grotescamente segurando com as patas, as douradas travessas ornadas de rubis e diamantes abrigoando misteriosas chamas. E os príncipes e viajantes, enquanto fugiam da condenada cidade de Sarnath sobre cavalos, camelos e elefantes, olharam novamente para o lago nevoento e viram a rocha cinzenta de Akurion quase submersa. Por toda a terra de Mnar e regiões adjacentes, espalharam-se as histórias dos que haviam fugido de Sarnath, e as caravanas não mais procuraram aquela cidade amaldiçoada e seus preciosos metais. Passou-se muito tempo até alguns viajantes irem lá e, mesmo assim, apenas os destemidos e aventureiros jovens de cabelos amarelos e olhos azuis que não têm nenhum parentesco com a gente de Mnar. Esses homens foram realmente até o lago para observar Sarnath, mas embora tivessem encontrado o enorme lago estagnado e a rocha cinzenta de Akurion, que se alteia ao seu lado perto da praia, não avistaram a maravilha do mundo e o orgulho da humanidade. Onde antes se erguiam muralhas de trezentos cúbitos e torres ainda mais altas, estendia-se agora apenas a pantanosa praia, e onde antes viviam cinquenta milhões de pessoas, rastejava agora o odioso lagarto aquático. Nem mesmo as minas de metais preciosos existiam. A MALDIÇÃO chegara para Sarnath.

Mas vislumbrava-se, meio enterrado nos juncais, um curioso ídolo verde, um ídolo extremamente antigo cinzelado à imagem de Bokrug, o grande lagarto aquático. Dali em diante, aquele ídolo, colocado num relicário no alto templo de Ilamek, foi adorado durante a lua crescente por toda a terra de Mnar.